



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

ÉTICA DOCENTE : vergonha e humilhação

ARAÚJO, Ulisses F.

Professor do Departamento de Psicologia
Educativa Coordenador da Área de Ensino,
Avaliação e Formação de Professores da Faculdade
de Educação da UNICAMP

Revista
Profissão Docente



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

RESUMO:

A vergonha, exercendo um papel regulador nas relações interpessoais e intrapessoais, pode ser considerada como um dos sentimentos mais relevantes para nossa experiência com o mundo. Este artigo pretende discutir este sentimento, suas relações com a humilhação e a exposição pública muitas vezes experienciadas por alunos, entendendo ser este um dos problemas éticos mais sérios com que se defrontam as instituições escolares.

Palavras-chave: ética docente ; vergonha ; humilhação.

RESUMEN:

La vergüenza, ejerciendo un papel regulador en las relaciones interpersonales y intrapersonales, puede ser considerada como uno de los sentimientos más relevantes para nuestra experiencia con el mundo. En este artículo pretendese discutir este sentimiento, sus relaciones con la humillación y la exposición pública muchas veces experimentada por los alumnos, entendiendo ser este uno de los problemas éticos más sérios que enfrentan las instituciones escolares.

Palabras-clave: ética docente ; vergüenza ; humillación.



A vergonha, exercendo um papel regulador nas relações interpessoais e intrapessoais, pode ser considerada como um dos sentimentos mais relevantes para nossa experiência com o mundo. Apesar de sua importância, historicamente a psicologia não dedicou maiores esforços na compreensão de sua natureza e seu papel na vida humana. Somente nos últimos anos é que um número cada vez maior de psicólogos vem se dedicando ao tema.

Na psicologia, quando não desconsiderada, a vergonha geralmente é vista como um sentimento atrelado à culpa, mas inúmeros trabalhos recentes vêm demonstrando que, ainda que muitas vezes possam se manifestar juntos, são sentimentos de natureza distinta e não podem ser confundidos. Hultberg (1988), por exemplo, afirma que esses sentimentos não podem ser vistos como opostos, uma vez que são constantemente experienciados juntos, mas a culpa pode ser vista como uma reação a uma ação, enquanto a vergonha como reação a um modelo existencial.

Para Lewis (1992 e 1993), a culpa é um estado emocional que ocorre quando o indivíduo avalia negativamente seu comportamento, mas pode se ver livre deste sentimento se realizar uma ação que repare a ação negativa. Já a vergonha não é produzida por nenhum evento específico, mas pela interpretação que o indivíduo faz de uma situação e, por isso, uma vez que o sujeito sente vergonha, não é possível reverter o sentimento. Para ele, a vergonha é um sentimento básico para a constituição do self. Ela envolve uma auto-reflexão baseada em valores pessoais e no de outras pessoas, e o fracasso em atingi-los levará o sujeito a um estado que poderá fazê-lo experienciar ou não o sentimento, dependendo da objetivação de sua reflexão.

Esse autor classifica a vergonha dentro de uma categoria que chama de “self conscious emotions”, porque seu aparecimento envolve a elaboração de processos cognitivos complexos, a noção de self e a avaliação global que o sujeito faz de si. Para sentir vergonha, a pessoa deve comparar se sua ação contraria ou não algum referencial

próprio ou de outras pessoas que lhe sejam significativas, e este fato requer uma tomada de consciência objetiva e uma avaliação complexa de sua ação.

O caráter cognitivo da vergonha vinculada ao self faz com que ela possa surgir tanto a partir da interpretação pessoal negativa que o indivíduo faz de uma situação em que está envolvido (relacionada à avaliação que faz de si e de seus valores, regras e objetivos pessoais), quanto pode advir de situações positivas em que seu Eu é exposto publicamente, como, por exemplo, no caso de receber aplausos de uma platéia.

Por que isso? De acordo com Harkot-de-La-Taille (1996) a razão seria que a vergonha é resultante de um fazer do sujeito envergonhado relativo à projeção de uma imagem de si. Para a autora, a vergonha se configura no encontro de dois sentimentos: a inferioridade e a exposição.

A inferioridade, que traduz a relação do sujeito com a imagem que se acreditava capaz de projetar, se manifesta de várias maneiras: pelo rebaixamento de si, pela humilhação, pela desonra, causada por opiniões negativas que os outros têm de sua imagem projetada; e a Indignidade, sentida a partir de uma auto- sanção negativa imposta pelo sujeito a si mesmo.

A exposição é sentida quando o sujeito é visto por alguém que ele legitima, e possui dois correlatos: a consciência da visibilidade por alguém legitimado e a vulnerabilidade, advinda da ação de submeter a imagem projetada ao juízo de outrem.

Dessa maneira, para Harkot-de- La-Taille, a vergonha instaura-se no encontro da inferioridade sentida quando a imagem projetada pelo sujeito se encontra aquém da “boa imagem” que tem para si, com a visibilidade de expor essa imagem a um sujeito legitimado.

Em resumo, podemos entender que a vergonha poderá ser vinculada ao rebaixamento do self, por exemplo, em situações em que o sujeito se sente humilhado



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

pelo outro que legitima; e também vinculada à exposição pública, por exemplo, quando existem espectadores, reais ou virtuais, na cena em que foi exposto.

Essas primeiras reflexões mostram que a vergonha pode ser compreendida principalmente como um sentimento intrapessoal e interpessoal, orientado externamente, em função da consciência do olhar do outro sobre nós. De acordo com De La Taille (1996), o sentimento de vergonha tem origem no fato de eu me fazer objeto do olhar, da escuta, do pensamento dos outros. Isso não exclui, porém, o aspecto interno deste sentimento, representado, por exemplo, pelo fato de o sujeito poder sentir vergonha sozinho, resultado de reflexões sobre ações pessoais que contrariaram seus valores e a imagem que tem de si.

O olhar do outro, que pode ser real ou imaginário, de um indivíduo ou de um coletivo, guia muitas de nossas ações cotidianas, dependendo da valoração que atribuímos a esse outro. Essa valoração está vinculada ao sentimento de identificação que construímos com as outras pessoas e/ou com o grupo social a que pertencemos e aos seus ideais de conduta. Assim, para esse sentimento aparecer dessa forma, torna-se necessário uma relação interpessoal significativa, ainda que imaginária, quando a pessoa poderá senti-la mesmo sem a presença do público, por estar internalizada. A vergonha estaria, pois, vinculada a controles externos e internos do próprio sujeito.

Tudo isso evidencia a natureza reguladora do sentimento de vergonha, não só das relações interpessoais, mas também das relações intrapessoais, do sujeito consigo mesmo, de ser objeto para si e para os outros.

De La Taille identifica em suas investigações que o sentimento de vergonha poderá então se manifestar quando as ações se referirem: a uma 'meta' (não obter algum sucesso, ter fracasso); a um 'padrão' (por exemplo, estético); a uma 'norma' (como a transgressão de uma norma moral); e poderá também ser associado a uma 'humilhação'



(portanto à alguma forma de rebaixamento da vítima); e também por ‘contágio’ (sentir vergonha por ações de um amigo).

Com essa categorização, entramos em uma área que mostra poder estar o sentimento de vergonha relacionado a ações que envolvam a exposição pura ao olhar dos outros e ao “contágio”, não tendo nesses casos conotação moral direta. Contudo a vergonha também pode se relacionar à moralidade, por exemplo, quando se vincula a metas, padrões, normas e à humilhação.

O SENTIMENTO DE VERGONHA E A MORALIDADE

A força atribuída ao sentimento de culpa nas culturas ocidentais deve-se, em grande parte, à estrutura religiosa judaico-cristã que predomina nessas sociedades, e ao fato de que esse sentimento fundamenta as concepções de moralidade dessas religiões. Nas culturas ocidentais, portanto, quando há referência sobre sentimentos relacionados a ações morais, normalmente são feitas associações com o sentimento de culpa e muitas correntes psicológicas parecem ter refletido esse pressuposto em suas concepções.

Por exemplo, Freud (1930), ao tratar desse tema, colocou o sentimento de culpa como o mais importante para a constituição da moralidade no ser humano, alegando ser esse o sentimento predominante para a constituição e o funcionamento da parte do aparelho psíquico responsável por nossas ações morais: o superego. Resultante da internalização da personalidade dos pais no sujeito, o superego age sempre que as ações e/ou intenções do ego contrariam seus ditames, por meio da censura, repressão, autopunição e de sentimentos negativos como a culpa.

Somente nas últimas décadas aparecem trabalhos mais consistentes procurando analisar, de maneira crítica, as relações entre a moralidade e os sentimentos, salientando a importância que outros sentimentos (como a vergonha, a compaixão, e a honra) têm para as ações morais.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

No caso da vergonha, de acordo com Lewis (1992), ela possui também uma função moral porque coisas que nos envergonham não devem ser feitas e a intensidade de experiências aversivas servem para garantir que os pensamentos, ações ou sentimentos que nos levam a sentir vergonha, não ocorram novamente.

Thrane (1979) mostra que a importância dada à culpa no ocidente origina-se da predominância de sua lógica na tradição judaico-cristã. Ele concorda com a importância do sentimento de culpa para a constituição da moral, mas defende, baseando-se em Kant, que esse sentimento acaba favorecendo a moral de heteronomia, uma vez que aquele que deixa de agir com medo da punição de sua consciência parece não amar a virtude. Pelo contrário, para esse autor, o sentimento que permite a construção da autonomia é o de vergonha, sentido por aquele que teme perder suas virtudes.

Quando Piaget (1932) afirma que o elemento quase material de medo que intervém no respeito unilateral desaparece progressivamente para dar lugar ao medo todo moral de decair perante os olhos da pessoa respeitada, parece também defender o preceito de que a moral decorrente de um desenvolvimento psicogenético mais equilibrado tem como base a vergonha de decair perante os olhos da pessoa respeitada. Com isso, pode-se inferir a possível relação entre os sentimentos de vergonha e respeito mútuo para o desenvolvimento psicogenético da moralidade.

Concluindo, de acordo com De La Taille (1996), a pessoa que “não tem vergonha” pode ser relacionada à pessoa imoral, porque uma pessoa ‘sem vergonha’ é justamente alguém que, por um lado, ignora e despreza o juízo dos outros (não reconhece o controle externo) e, por outro, não considera condenável, aviltante, cometer certos atos condenados pela moral. A imagem que tem de si não parece sofrer com a realização de atos imorais.

Diante do que discutimos até aqui, podemos assumir que existe a

possibilidade de o sentimento de vergonha ter um caráter moral, que não se subordina à culpa e que, por isso mesmo, merece ser estudado de maneira isolada.

Duas perguntas surgem agora: uma é sobre a origem do sentimento de vergonha como um “sentimento moral”, e a outra se a vergonha pode ser compreendida funcionando como reguladora das relações intra e interpessoais.

Respondendo à primeira pergunta, entendemos que é nas interações da criança com o mundo, mais especificamente com a família, que seus valores e regras vão sendo construídos e internalizados. A internalização dos valores parentais é obtida a partir da transmissão social e da reflexão do sujeito, mas também pela crítica à sua violação, por meio de sanções como a humilhação e a ameaça de retirada de afeto. A família, por exemplo, além de estabelecer as regras para o comportamento do sujeito, vincula uma valoração para as mesmas e, pelos laços afetivos e/ou pela identificação estabelecida entre as pessoas envolvidas, a violação dessas regras ou as ações contrárias aos valores podem elicitar o aparecimento do sentimento de vergonha que, por estar vinculado à infração de regras e/ou valores, caracteriza-se como uma vergonha moral. À medida que essas regras se tornam conscientes para o sujeito, e que esses valores se integram em escalas normativas, o sentimento de vergonha começa a exercer um papel mais complexo, de regulação, na sua estrutura psíquica.

Para responder à segunda pergunta, retomamos a afirmação de Piaget (1954) de que a energética das relações entre pessoas são os sentimentos interpessoais e que sua vinculação com as escalas de valores do sujeito levará à construção de “sentimentos morais”.

Podemos, então, inferir que o sentimento de vergonha pode ser compreendido como um “sentimento moral” quando estiver relacionado à regulação intra e interpessoal estabelecida sob conteúdos de natureza moral.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Prosseguindo esse raciocínio, podemos entender ainda que a vergonha está relacionada aos fracassos, às imperfeições, às inadequações e às fraquezas do sujeito diante das regras e de seus valores. Para que tenha a categoria de um “sentimento moral”, porém, é necessário que essas regras e valores tenham relação com conteúdos de natureza moral, aqui incluídos os princípios morais de justiça e igualdade, mas também virtudes como honestidade, generosidade e coragem. Assim, é necessário que esses conteúdos de natureza moral estejam integrados na escala normativa de valores do sujeito, integrados à sua personalidade, compondo sua identidade, para que a ação que não esteja de acordo com esses valores e ideais levem ao “sentimento moral” da vergonha.

Como afirmam Blasi (1995), Damon (1995) e De La Taille (1996), é necessário que os valores morais não sejam periféricos e sim integrados à personalidade do sujeito, à sua identidade, para que ele tenha a motivação de agir moralmente. Ele poderá sentir a “vergonha moral” somente se sua ação não estiver de acordo com os valores morais integrados em sua personalidade.

No caso de sua escala de valores ter sido construída com base em conteúdos de caráter não moral, poderá sentir mais vergonha, por exemplo, de ser feio do que de ser visto agredindo gratuitamente uma pessoa na rua.

Sintetizando a discussão deste tópico, entendemos que as diferenças individuais relativas às situações em que o indivíduo sente vergonha estão normalmente relacionadas à imposição pela família e pela cultura de alta valorização a determinadas regras e/ou comportamentos e/ou valores, e ao tipo de vinculação afetiva estabelecida entre o sujeito e a fonte dessas regras e/ou valores.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

HUMILHAÇÃO E A ÉTICA DOCENTE

Um dos problemas éticos mais sérios com que se defrontam as instituições escolares são aquelas situações que envolvem a humilhação e a exposição pública dos alunos e subordinados.

Para muita gente, os professores agem corretamente, dentro de seu papel de educadores morais, quando fazem com que os “pequenos selvagens” de sua sala de aula sintam o peso da vergonha e da humilhação pública, para que aprendam a comportar-se moralmente.

Reconhecemos que esses professores tem razão parcial em sua crença, e que o medo da vergonha, da humilhação e da exposição pública leva as pessoas a, prospectivamente, evitarem ações que contrariem valores morais.

Nesse sentido, estamos falando da vergonha como um regulador entre a ação e o juízo moral. Mas se isso pode ser uma verdade psicológica, será que é uma verdade moral também?

É verdade que o sentimento de vergonha pode levar o sujeito a evitar ações futuras que elicitem o sentimento, mas será que essa característica do funcionamento permanecerá no caso de um sujeito que é constantemente humilhado por quem ele legitima?

Como vimos, a vergonha está vinculada ao rebaixamento do self, muitas vezes decorrente da humilhação e da exposição pública. Nesse quadro, quando a imagem projetada pelo sujeito se encontra aquém da “boa imagem” que tem para si, instaura-se a vergonha e o sentimento de inferioridade. Acreditamos que situações como essa comprometem o funcionamento psíquico saudável do sujeito, a integridade de seu self, e a construção de uma identidade estruturada em valores morais de justiça e dignidade. Pesquisas recentes, desenvolvidas por De La Taille (1996), lembram que fazer o aluno passar vergonha, ou a prática pedagógica da humilhação, pode parecer a maneira mais



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

evidente para se educar moralmente, mas às pessoas que acreditam nesse tipo de educação ele traz a fala de uma criança de 12 anos: “se fosse eu, pensava assim: estou todo danado mesmo, posso fazer o que eu quero’. Para esse autor, longe de prevenir delitos, a humilhação os promove. Temer decair perante os olhos alheios e ser humilhado não são a mesma coisa. No primeiro caso, age-se de forma a manter a dignidade; no segundo, ela já está perdida, e tem-se ou pessoas acanhadas ou que rompem com o olhar alheio, passando a ser ‘desavergonhadas’. Para ele, a solução é exatamente contrária: reforçar, no aluno, o sentimento de sua dignidade como ser moral.

As ações de professores que humilham seus alunos extrapolam o papel de uma educação moral condizente com a construção de sujeitos morais que pautam seus juízos e ações nos princípios de justiça, no altruísmo, e na busca virtuosa da própria felicidade. Pelo contrário, além de servir como instrumento autoritário, humilhar os alunos e expor publicamente suas dificuldades pode levá-los a sentir-se inferiorizados e, conseqüentemente, como pessoas não dignas.

Professores que agem dessa maneira precisam ter consciência de sua responsabilidade ética e profissional.

Rebaixar outras pessoas a partir de valorações subjetivas, ou preconceituosas, fere o princípio moral inerente à profissão de educador, que é a formação de cidadãos cultos mas também justos, críticos e conscientes de sua dignidade como ser humano.

Em uma sociedade que pretende ser democrática não deve haver espaço para a discriminação e a humilhação. O esforço coletivo deve ser para que a educação, desde a mais tenra idade, seja pautada em valores e virtudes que sejam considerados “universalizáveis”, por se apoiarem em princípios de justiça, altruísmo e na busca da felicidade pessoal. O esforço deve ser para que a experiência de construção desses valores e virtudes seja significativa para os sujeitos do conhecimento, de modo que consigam integrá-los no núcleo de suas identidades.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Ulisses F. (1999). Conto de escola: a vergonha como um regulador moral. São Paulo, Editora Moderna e Editora da Unicamp.

BLASI, Augusto (1995). Moral understanding and the moral personality: the process of moral integration . In: Kurtines, W. & Gewirtz, J. (Ed.). Moral Development: na introduction. Needham Heights-MA, Allyn & Bacon.

DAMON, William (1995). Greater expectations. San Francisco, The Free Press.

DARWIN, Charles (1872). The expression of emotions in man and animals. London, John Paul. (Ed. Ing. 1965).

DE LA TAILLE, Yves (1996a) A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: Aquino, J. (Org). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo, Summus.

_____. (1996b). Estudo genético sobre as relações entre o sentimento de vergonha e a moralidade. Projeto de Pesquisa apresentado ao CNPQ.

ERIKSON, Erik (1963). Childhood and society. New York, W.W. Norton and Cia.

FREUD, Sigmund (1930). O mal-estar na civilização . In: _____. Obras Completas de Sigmund Freud, v.21. Rio de Janeiro, Imago Editora. (Ed. Brasil. 1974)



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth (1996). Ensaio semiótico sobre a vergonha. Tese de Doutorado, FFLCH, Universidade de São Paulo.

LEWIS, Michael (1992). Shame – the exposed self. New York, The Free Press.

PIAGET, Jean (1954). Intelligence and affectivity: their relationship during child development . Annual Reviews, Palo Alto-CA (ed.USA, 1981).

_____. (1932). O juízo moral na criança. São Paulo, Summus Editorial. (Ed.brasil. 1994).

THRANE, Gary (1979). Shame. Journal of the Theory of Social Behavior, 9, 2, 139-166.

Ulisses F. Araújo

Professor do Departamento de Psicologia Educacional Coordenador da Área de Ensino, Avaliação e Formação de Professores da Faculdade de Educação da UNICAMP

Artigo entregue e revisado em 01/02/2001.